

Director: Manuel de Pinho Ferreira

|            |                  |
|------------|------------------|
|            | Assinatura anual |
| 300200     | Portugal         |
| US 2 14.00 | Estrangeiro      |
|            | Fascículo anual  |
| 120200     | Portugal         |
| US 2 2.00  | Estrangeiro      |

Tomo III — JANEIRO-ABRIL DE 1982 — Fasc. 1

O nome que propôs para o Instituto e que acabou por ser adoptado encerrava já uma linha de rumo e um programa de acção. Acentuava a necessidade da teologia, em diálogo com as ciências modernas, se tornar

## A Sua Excelência Reverendíssima o Sr. D. António Ferreira Gomes

No momento em que o Sr. D. António Ferreira Gomes deixa o governo pastoral da Diocese do Porto, após a aceitação pelo Santo Padre do seu pedido de renúncia, em conformidade com as disposições do Decreto «Christus Dominus», é justo que demos aqui público testemunho do nosso reconhecimento por tudo quanto o Instituto de Ciências Humanas e Teológicas e a Revista «Humanística e Teologia» lhe ficam a dever.

Fiel à divisa das suas «armas de fé», «In lumine tuo videbimus lumen», exerceu Sua Excelência Reverendíssima um alto magistério, que se caracterizou sempre pela releitura dos dados da Revelação à luz dos sinais dos tempos e na atenção ao homem deste tempo e deste mundo. Educador mas também pastor, como gosta de se definir, não se limitou a transmitir-nos a sua palavra sempre profunda e a dar-nos um testemunho de vida, por vezes em circunstâncias bem difíceis, mas procurou também redimensionar os órgãos e estruturas pastorais.

É de todos conhecido o interesse que sempre pôs na dignificação e valorização do ensino filosófico e teológico e o entusiasmo com que acompanhou a fundação do Instituto de Ciências Humanas e Teológicas. Ao presidir à sua inauguração no dia 7 de Outubro de 1974, afirmaria, na homilia da Missa do Espírito Santo, ser «acontecimento este que esperamos tenha a mais larga e longa projecção na história da Igreja entre nós» e, interrogando-se: «A que vimos nós, a que vem o nosso Instituto de Ciências Humanas e Teológicas?», responderia, definindo «o objectivo e razão final do nosso Instituto»: «evidentemente, como nos cumpre, a dizer a palavra do Evangelho, a mensagem da Boa Nova, ao homem do século XX, de olhos postos no século XXI» (Voz Portucalense, 12/10/1974, pág. 3).

Era o apelo a que Professores e Alunos procurassem apreender, traduzir e proclamar, na fidelidade ao Espírito, a Boa Nova da Salvação de modo a ser compreendida pelo homem de hoje e tornassem a teologia mais viva, mais informada, mais sensível às grandes questões do mundo actual.

O nome que propôs para o Instituto e que acabou por ser adoptado encerrava já uma linha de rumo e um programa de acção. Acentuava a necessidade da teologia, em diálogo com as ciências modernas, se tornar mais existencial e antropológica.

Através de uma progressiva afirmação e diferenciação dos outros grupos de disciplinas, têm as Ciências Humanas vindo a impor-se no actual contexto cultural, conquistando já o direito de cidade. E os resultados reflectem-se na imagem mais perfeita e mais profunda que possuímos do homem e na determinação dos mecanismos que influenciam a nossa vida associativa e dos condicionalismos que regem a nossa experiência moral e religiosa. O que não quer dizer que não haja perigos e riscos a evitar, nomeadamente os de se tornarem totalizantes e monopolizantes, quando pretendem explicar, do seu ponto de vista unilateral e parcial, toda a complexa realidade humana.

Mas, desde que situadas dentro de uma correcta investigação interdisciplinar científico-filosófica, as Ciências Humanas muito podem contribuir para a renovação do trabalho pedagógico (*Optatam totius*, n.º 11), para a preparação pastoral dos futuros sacerdotes (*Optatam totius*, n.º 20) e para o ensino teológico (*Gaudium et Spes*, n.º 62), na exacta medida dos conhecimentos que podem fornecer acerca do homem.

Ao apresentar a Revista «Humanística e Teologia» que se deve, em grande parte, à sua inspiração e insistência persuasiva, o Sr. D. António Ferreira Gomes escreveu, para lhe definir os contornos, que «a sua abertura ao real e o seu âmbito de interesses científicos estendem-se tanto quanto as dimensões do humano e do cristão». E acrescentaria: «E nem mesmo entre estes dois níveis essenciais da verdade do Ser há separação estanque ou intransponível, porquanto, de harmonia com o sentido geral da encíclica *Redemptor Hominis*, depois da união hipostática do Verbo de Deus à Humanidade, passou a ser inteiramente verdade o pensamento do filósofo grego de que 'o Homem é a medida de todas as coisas'». (*Humanística e Teologia*, I (1980), pg. 5).

Estas palavras, que bem podem servir de ideário para a nossa Revista e definem as linhas mestras das orientações que foi dando ao I. G. H. T. pelas mais diversas maneiras, são também a síntese de todo um magistério exercido com tanta oportunidade e lucidez ao longo do seu episcopado e que, à força de ser actual e concreto, se tornou, tantas vezes, incómodo.

Ao despedir-se do Clero do Porto, Sua Excelência Reverendíssima apontou, entre outras coisas que teve sempre muito a peito e que não conseguiu realizar, o curso teológico «como parte integrante duma universidade eclesiástica portuguesa» (*Voz Portucalense*, 11/3/1982, pg. 3).

Mas se é verdade que os esforços que envidou nesse sentido, directa ou indirectamente, não resultaram no plano institucional, o mesmo não se poderá dizer ao nível da seriedade de trabalho e qualidade de ensino aqui professados: a tal ponto se têm mostrado galvanizantes para professores e alunos essa intenção e esse projecto que, no respeito e fidelidade a uma tradição que vem de longe, procuravam abrir novas perspectivas para o futuro, nesta tarefa diaconal que é a da teologia em prol dos homens vivos.

Por tudo isto e muito mais que fez em favor do I. C. H. T., pelo programa que lhe traçou, pelas perspectivas que lhe abriu, pela exigência que lhe imprimiu, pela solicitude constante com que acompanhou os seus passos, pela amizade e confiança que dispensou aos seus responsáveis, o Sr. D. António Ferreira Gomes é credor da admiração e da gratidão de todos os que trabalham no I. C. H. T. e nesta Revista.

J. GODINHO DE LIMA